



“História Natural” - Cláudio Garrudo, Helena Gonçalves, Jaime Vasconcelos, Joanna Latka e Pauliana V. Pimentel

25 Maio / 6 Julho 2013

Galeria das Salgadeiras

Para iniciar as comemorações do décimo aniversário da Galeria das Salgadeiras e em ano dedicado ao “Silêncio”, convidamos para ser galerista por um dia Paulo David, reconhecido arquitecto madeirense para quem, nas palavras do próprio, “A arquitectura é o ofício de assombro que, como a poesia e a música, precisa do silêncio. O pensamento habita o silêncio”. É nesta sua afirmação, aquando da atribuição do Prémio Alvar Aalto 2012, que assentou a sua premissa na curadoria desta sua exposição: se o pensamento habita o silêncio e se toda a actividade artística pressupõe um pensamento crítico, social e político, porque não quebrar esse silêncio e revelar ao visitante o lado mais subterrâneo de um “depósito artístico” que se construiu ao longo desta década de actividade? Tanto no percurso da galeria, nascida a 4 de Julho de 2003, como dos artistas que têm feito parte deste caminho, cinco deles apresentados nesta exposição: Cláudio Garrudo, Helena Gonçalves, Jaime Vasconcelos, Joanna Latka e Pauliana V. Pimentel. Alguns desde a primeira hora, outros chegados numa outra. Todos eles em boa hora acolhidos neste este espaço, habitado, vivido, transformado em cada uma das 58 exposições que aqui foram realizadas. É essa “realidade do artista” na sua acepção mais etnográfica, e também certamente estética, que reside a proposta de Paulo David.

“História Natural” foi o título por si escolhido e que remete intencionalmente para a própria História de Arte Ocidental, assimilada e contaminada pela contemporaneidade. Encontramos, aqui, referências aos museus e salões do século XIX na opção expositiva do piso térreo, como encontramos uma percepção do espaço expositivo que pode, no meu entender, aproximar-se da gestat de Robert Morris, sobretudo na relação entre a obra de arte, o espaço e o espectador, como ainda recuamos ao século XVII e aos gabinetes de curiosidades, ante-câmaras que foram dos museus da modernidade. A isto acresce e sublinha-se a formação de Paulo David e a sua própria, específica e autoral concepção da Arquitectura. O repto lançado por si foi este: que esta década

de actividade servisse de mote a uma reflexão crítica sobre o processo da galeria e dos artistas e que, nesta exposição, fosse contada e partilhada a nossa história natural, ou uma parte dela, cientes que estamos que apenas representa uma das imensas “versões” que cabem nestes cerca 3 650 dias.

O piso térreo da galeria acolhe, assim, algumas obras, na sua grande maioria pertencentes ao nosso Acervo, em múltiplos suportes, da Fotografia ao Desenho, passando pela Gravura. Como um wallpaper, à semelhança dos salões de Paris, as obras encontram-se «hang like sardines», como refere Brian O’Doherty a propósito do Salão de 1855. Cobrem de forma descontinuada e aleatória as paredes da galeria, alcançam o chão numa atitude pouco convencional atendendo aos actuais paradigmas expositivos de obras com esta natureza, e que não são nem esculturas nem instalações. Porém, ao olharmos para elas como um todo, dominadas por esse mesmo todo, podemos experienciar uma espécie de “obra total”, que nos absorve e provoca em muitos de nós, que fisicamente vamos habitando este espaço, um certo ilusionismo de um mural feito de memórias, recuperando a citação que serve de prólogo a esta “folha de sal(a)”.

No primeiro piso, a abordagem é assumida e vincadamente mais conceptual, centrada no processo artístico de cada um dos cinco artistas representados nesta exposição. Expostos numa mesa, especificamente concebida por Paulo David, estão objectos, instrumentos e trabalhos - uns acabados, outros nem sequer concretizados, referências literárias e pessoais... São, portanto, diversos os elementos que poderão dar pistas sobre o processo artístico e ajudar a revelar ao visitante as motivações, estéticas, formais e/ou críticas, que estão subjacentes à actividade destes artistas, ao longo destes dez anos. A arte como “acção social” como tão visceralmente assumiram Mark Rothko e, aquele a quem sempre voltamos, Marcel Duchamp. Importa contextualizar, ainda que brevemente, cada uma destas cinco propostas para que o espectador possa, a partir daí, desenvolver a sua própria leitura e ter um entendimento diferente e mais aprofundado das obras destes autores, algumas delas expostas no piso térreo.

Cláudio Garrudo apresenta o seu projecto de cariz mais social e com uma forte componente crítica face a um acontecimento nacional que abalou a Madeira em 2010. Após a catástrofe desse Fevereiro, as autoridades regionais construíram um autêntico aterro, com o entulho provocado por este aluvião, na marginal da cidade do Funchal. Um espaço, supostamente, de lazer e de prazer em disfrutar aquele imenso oceano e que, ao invés de água, passou a ter terra, resíduos que ali se foram acumulando e que alteraram profundamente a natureza de um lugar. Uma vez mais, o Homem a querer ser maior que a Natureza, esquecendo-se que esta sempre encontra o seu caminho e persiste.

Helena Gonçalves revela o seu processo artístico e a forma como trabalha com a luz, revelando, como numa pintura, aquilo que lhe interessa de uma imagem captada no negro da escuridão. Apresenta-nos o making-off do

retrato que fez a José Saramago, em 2007, no sótão do Teatro Trindade, para a sua exposição “11.09.10” que virámos a inaugurar no Gingal, nove anos após um dos momentos que mais marcou a nossa contemporaneidade. Ao vídeo que registou esse momento, colocado no interior de uma lata de petróleo, com todo o simbolismo que este “óleo da pedra” representa nos nossos dias, acompanhado pelo som criado por Rui Bentes, junta-se o cinto feito de livros de história universal, então construído por Helena Gonçalves para o retrato deste “homem- bomba”.

Jaime Vasconcelos propõe-nos um contacto mais manual e físico com a prática artística que tem vindo a desenvolver desde 2007, e que se encontra formalmente entre a Fotografia e a Pintura, descolando-se, assim, da realidade fotografada e produzindo imagens de forte cariz plástico. Coloca sobre a mesa uma série de fotocópias de fotografias que captou de passadeiras, algumas delas usadas nas suas próprias exposições, e convoca o visitante a desenhar sobre elas, dando cor e forma a estas matrizes, criando outras narrativas pictóricas. Neste convite, aproxima o visitante do seu processo e da sua forma de re-interpretar e ficcionar uma realidade fotografada.

Joanna Latka tem-se dedicado a registar a vida e os costumes deste país que, em 2002, escolheu para viver e desenvolver a sua actividade artística. O seu trabalho parte da premissa “Observo, logo sou” e é da observação do quotidiano, das pessoas, dos ambientes que surge a sua inspiração para os seus projectos artísticos. Nesta chapa de cobre, polida, parcialmente desenhada com o traço expressionista que caracteriza o seu percurso, que tem estado à espera no seu atelier, desde de 2008, do momento certo para assumir uma outra função, convidamos a olhar e, de forma distorcida, a vermo-nos, a nós próprios, aí reflectidos e construímos, ainda que mentalmente, as nossas histórias e personagens.

Pauliana V. Pimentel deposita na sua mesa, com a sensibilidade e liberdade que caracterizam o seu trabalho, diversos objectos que fazem parte do seu percurso. Podemos encontrar as viagens, as pessoas com que se relacionou, os projectos que desenvolveu e um desenho, feito por si aos 5 anos, no qual, à semelhança de outros seus desenhos de então, existiam dois mundos: o mundo visível, “normal”, desenhado por uma qualquer criança dessa idade; e um “outro” mundo, paralelo, alternativo, diferente, desenhado numa meia-esfera, e onde podemos vislumbrar que a curiosidade pelo Outro esteve, de alguma forma, desde sempre presente na sua natureza e consequentemente na sua actividade artística.

Em ambos os pisos, em ambas as histórias naturais, pretende-se estabelecer um diálogo mais visual ou táctil com o visitante, contribuindo com outras camadas de leitura que uma obra de arte pode proporcionar. É desta forma, como uma “acção social”, que gostaríamos de celebrar a Arte e os Artistas.

ANA MATOS

Lisboa, Maio de 2013